Comentários

Em maio, a produção industrial, já descontadas as influências sazonais, assinalou aumento de 1,3% frente ao mês anterior, quinto resultado positivo consecutivo, levando a uma expansão de 7,8% entre os meses de dezembro e maio deste ano.

Em relação a maio de 2008, o recuo foi de 11,3%, o que mantém uma seqüência de sete meses de taxas negativas neste tipo de comparação. O comportamento da atividade industrial neste mês reduz o ritmo de queda no indicador acumulado janeiro-maio, que passa de –14,6% em abril para –13,9% em maio. O acumulado nos últimos doze meses (-5,1%) permaneceu em trajetória descendente, perdendo 1,2 ponto percentual frente ao resultado de abril (-3,9%) e atingindo a sua marca mais baixa desde o início da série histórica.

O aumento observado no ritmo de produção entre abril e maio atingiu a maioria (20) das 27 atividades ajustadas e as quatro categorias de uso. Vale citar os resultados observados na farmacêutica (9,7%), veículos automotores (2,0%), metalurgia básica (3,1%), máquinas para escritório e equipamentos de informática (6,6%), outros equipamentos de transporte (3,3%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,2%). Por outro lado, pressionando negativamente, destacaram-se borracha e plástico (-2,7%), produtos de metal (-3,0%) e fumo (-8,4%), após crescerem respectivamente 6,8%, 6,6% e 12,8% no mês anterior.

Entre as categorias de uso, ainda na comparação mês/mês anterior, o setor de bens de consumo duráveis sustentou o maior ritmo de crescimento (3,8%) na passagem de abril para maio, seguido por bens de consumo semi e não duráveis (1,3%) e bens intermediários (1,2%). O setor de bens de capital (0,7%) foi o único que assinalou crescimento abaixo da média nacional (1,3%).

O comportamento positivo da atividade industrial em maio confirmou a trajetória ascendente do índice de média móvel trimestral nos últimos três meses. Na indústria geral, o acréscimo observado neste indicador entre abril e maio foi de 1,1%, com bens de consumo duráveis exibindo o maior

incremento (2,7%), vindo a seguir, bens intermediários (1,0%) e bens de consumo semi e não duráveis (0,9%). O setor de bens de capital registrou a sétima taxa negativa consecutiva (-0,7%), com ritmo de queda menos intenso que em meses anteriores.

Na comparação com igual mês do ano anterior, a retração de 11,3% refletiu o comportamento negativo da maioria (22) das 27 atividades pesquisadas. Dentre essas, as de maior impacto sobre o índice global, por ordem de importância, foram: máquinas e equipamentos (-28,0%) veículos automotores (-17,6%) e metalurgia básica (-24,5%) e material eletrônico e de comunicações (-34,4%). Nestes ramos, os produtos com maior influência no resultado geral foram: rolamentos de esfera, agulha, cilindros, rolete para equipamento industrial e aparelhos elevadores/transportadores de mercadorias; automóveis e caminhão-trator; lingotes, blocos, tarugos e placas de aço ao carbono e especiais; telefones celulares e aparelhos de comutação para telefonia celular. Das cinco atividades em crescimento, farmacêutica (15,7%) e bebidas (6,2%) foram as que mais impactaram o índice global.

Entre as categorias de uso, ainda na comparação com maio de 2008, o segmento de bens de capital obteve o recuo mais elevado (-22,8%), sustentado por reduções na produção de todos seus grupamentos, com destaque para bens de capital para uso misto (-26,4%), pressionado principalmente por equipamentos para telefonia celular e produtos de informática; seguido por bens de capital para uso industrial (-34,1%), para transporte (-8,6%), para construção (-60,5%) e para energia elétrica (-30,6%). A produção de bens duráveis ficou 13,7% abaixo da de maio de 2008, influenciada pela menor fabricação de automóveis (-8,4%) e eletrodomésticos (-11,1%), especialmente os da “linha marrom” (-34,0%), já que a produção da “linha branca” ficou 0,9% acima da de maio de 2008, o que não ocorria desde setembro do ano passado. Vale citar a contribuição negativa vinda dos telefones celulares (-29,3%), que permaneceram com queda de dois dígitos.

Em relação a maio de 2008, a produção de bens intermediários recuou 13,8% e foi negativamente influenciada pelo comportamento de vários dos seus subsetores, com destaque para os produtos associados às atividades de

metalurgia básica (-24,5%), indústrias extrativas (-14,2%), outros produtos químicos (-12,3), veículos automotores (-24,2%) e borracha e plástico (-20,3%), impactado principalmente pela redução nos itens: lingotes, blocos, tarugos e placas de aço; minérios de ferro; herbicidas para uso na agricultura; peças e acessórios para indústria automobilística; e pneus. Ressalta-se ainda os índices negativos observados em insumos para construção civil (-10,1%) e embalagens (-7,5%). A única influência positiva veio dos itens associados ao setor de alimentos (3,7%), impulsionado pelo em grande parte pelo aumento na produção de açúcar cristal. O setor de bens de consumo semi e não duráveis registrou redução (-1,8%), refletindo o comportamento negativo de vários subsetores, em particular o de semiduráveis (-12,6%) e alimentos e bebidas elaborados para consumo doméstico (-2,4%), onde a redução em calçados de couro e em leite em pó foi o principal impacto. A única pressão positiva foi registrada pelo grupamento de outros não duráveis (2,1%), explicada, em grande parte, pelo acréscimo na produção de medicamentos.

O índice acumulado de janeiro-maio, contra igual período de 2008, mostrou recuo de 13,9% para a indústria geral com perfil generalizado de queda atingindo a maioria (24) dos 27 setores. O setor de veículos automotores (-24,7%) mantém-se como a pressão negativa mais significativa, seguido por máquinas e equipamentos (-29,2%), metalurgia básica (-28,9%) e material eletrônico e aparelhos de comunicações (-41,2%). Os setores com impactos positivos na formação do índice global foram: outros equipamentos de transportes (16,7%), farmacêutica (10,0%) e bebidas (5,5%).

O perfil generalizado da queda no período janeiro-maio ficou evidenciado pelo recuo de 63 dos 76 subsetores pesquisados. Dentre esses, vale citar, pela magnitude da perda, os resultados de segmentos mais relacionados às exportações: extração de minérios ferrosos (-35,4%); ferro-gusa, ferroligas e semi acabados de aço (-40,7%), abate de aves e preparação de carnes (-4,6%) e abate de bovinos e suínos e preparação de carnes (-4,6%). Há também índices negativos em alguns subsetores fabricantes de bens de capital como: máquinas e equipamentos para fins industriais e comerciais (-31,1%), tratores e máquinas e equipamentos

agrícolas (-33,3%) e máquinas e equipamentos para extração mineral e construção (-61,0%).

A análise do indicador acumulado nos primeiros cinco meses do ano, a partir dos índices por categorias de uso, mostrou que bens de capital (-22,7%) ficou com a taxa negativa mais elevada, vindo logo em seguida bens de consumo duráveis (-20,5%) e bens intermediários (-16,7%), todas com perdas acima da média nacional (-13,9%). Na categoria de bens de consumo semi e não duráveis a variação foi de -2,8%.

Em síntese, o resultado de maio reforça os sinais de recuperação no ritmo da atividade fabril, que marca o quinto mês consecutivo de acréscimo na série ajustada sazonalmente. Segundo o índice de média móvel trimestral, essa evolução positiva vem sendo observada desde março para a indústria geral, acumulando 4,2% de crescimento de fevereiro a maio. Entre as categorias de uso, para esse mesmo período, o saldo também é positivo em bens de consumo duráveis (22,7%), bens intermediários (3,7%) e bens de consumo semi e não duráveis (3,2%). A exceção ficou com bens de capital que assinala perda de 5,9%. Esse perfil de desempenho positivo na margem sugere que o fator de peso na recuperação de 2009 está associado aos setores relacionados a demanda interna. Por outro lado, o desempenho dos segmentos produtores de bens de capital e das exportações continuam pressionando negativamente.